

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semestre — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	5120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-5-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5\$000	2\$500	-6-	-6-
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-8-	-8-

6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 147

21 DE JANEIRO 1883

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

CHRONICA OCCIDENTAL

O temporal visitou-nos na semana passada. O pacato Tejo foi um rio tragico durante umas poucas de horas, e agora n'estes dias de sol, que succederam áquelles dias de trevas, sempre a mesma mimosa imagem, depois do vendaval a bonança — tem atirado ás praias por ahi abaixo, até á barra, com os cadáveres d'aquelles que matou n'essas raras horas de colera, que agitam e convulsionam as suas aguas tranquillias.

Houve um momento em que julgámos que Portugal ia fazer *reprise* do seu inverno celebre de 1876, com as suas inundações e os seus bailes de caridade; felizmente para todos nós essa *reprise* abortou. O inverno manteve-se a tempo n'uma reserva d'agua muito discreta; e quando todos esperavam que o Tejo se começasse a alastrar pelos campos de Vallada, e que o temporal assentasse aqui a sua residencia, o

mau tempo foi por ahi fóra muito lepidio, deixando Lisboa contentissima, felicissima, rindo com um sol que tem já um calor de primavera, com o ceu que tem já a transparencia limpida e azulada dos olhos d'uma miss de Kepsek.

No norte do reino, esse temporal assignalou-se por um facto importante, marcou a sua passagem com um raio celebre, que nunca mais esquecerá á superstição minhota.

A estatua monumental da Virgem de marmore, que se erguia no alto do monte do Sameiro, para commemorar o dogma da Conceição de Maria, foi feita em migalhas por um raio atrevido e irreverente, que não teve medo do fanatismo bracarense.

Tambem só um raio seria capaz de tocar n'aquelle monumento, que domina toda a superstição de Braga e das povoações em redor, sem se arreceiar das suas iras ferozes.

E tanto foi assim, que essas iras quizeram procurar a explicação d'esse sacrilegio, n'um tiro de

dynamite atirado por alguns pedreiros livres intransigentes.

Fizeram-se exames ao monumento despedaçado, nomearam-se commissões, passaram-se victorias, e no fim de tudo reconheceu-se que fóra o raio o pedreiro livre.

Contra esse inimigo dos monumentos religiosos são impotentes os artigos furibundos do *Comercio do Minho* e da *Palavra*: ha só uma eloquencia que se lhe póde oppôr triumphante — é a do pára-raio.

Acreditamos que de hoje em diante os devotos dos altos dos montes do Minho — porque não ha no Minho monticulo que não tenha no seu cume uma capellinha e um santo qualquer, que ali se refugiam da impiedade dos homens na visinhança do céu, — terão a precaução conveniente de pôr os santos da sua devoção ao abrigo dos raios irreverentes, com esses cirios enormes de ferro, a que a sciencia dos homens oppõe as forças destruidoras da electricidade.



LEÃO GAMBETTA NO LEITO MORTUARIO

— Em Lisboa houve ao mesmo tempo duas tempestades: uma — a do Tejo, já lá vai; a outra, continúa ainda terrível e no auge da sua força, a do theatro de S. Carlos.

Ha muitos annos que no nosso theatro lyrico não havia uma lucta tão encarnçada dos elementos — que produzem os successos lyricos.

As guerras da Novello e da Stoltz, passaram de ha muito ao estado de lenda, e ao vér a pacatez com que n'estes ultimos vinte annos o publico de S. Carlos applaudia ou pateava uma cantora, essas homericas luctas antigas chegavam mesmo a ser incompreensíveis.

Este anno porém, a sr.^a Pasqua e a sr.^a De Reské resuscitaram esse passado e tornaram-n'o comprehensível.

Por em quanto, graças a Deus, o sangue ainda não tingiu o sobrado da platéa de S. Carlos, mas ha já um grande numero de luvas arrebetadas e de gargantas roucas.

Ha muitos annos que na companhia do nosso theatro lyrico não apparecem, ao mesmo tempo, duas cantoras em plena posse de todos os seus recursos artisticos, tão valiosos e notaveis, como este anno.

Porque o facto é este: a sr.^a De Reské e a sr.^a Pasqua são duas cantoras de merecimento real e notavel, e ambas dignas do applauso e do enthusiasmo do publico mais difficil em questões lyricas.

Applaudir uma não quer de forma alguma significar patear a outra, e ambas têm o seu lugar notavel e os seus triumphos brilhantes no theatro de S. Carlos.

Mas os partidos formaram-se logo em torno d'essas duas cantoras notaveis, e d'ahi uma lucta que está dando os melhores resultados á empreza, muitas mais enchescentes que o Gayarre e com muito menos despeza.

Um e outro grupo começaram a querer ter a primazia no applauso e no *successo*. É escusado dizer, cremos, que somos inteiramente alheios a essas luctas, e como tal pertencemos a ambos os grupos. Extasia-nos a voz deliciosa da sr.^a De Reské, arrebatá-nos o talento notabilissimo da sr.^a Pasqua, e portanto somos Reskistas ou Pasquistas, segundo canta uma ou outra.

No momento actual somos Pasquistas até ao enthusiasmo, porque ha muito tempo não recebemos no theatro impressão mais profunda do que a produzida pelo 4.^o acto do *Romeu e Julietta* de Vachai, porque raras vezes temos visto cantar e representar em S. Carlos como a sr.^a Pasqua canta e representa esse dilacerante epilogo da grande tragedia shakspeareana.

Se amanhã a sr.^a De Reské nos produzir, n'uma opera qualquer das que vai cantar, uma impressão semelhante, seremos Reskistas com o mesmo enthusiasmo.

A sr.^a Pasqua no *Romeu e Julietta* teve e está tendo o maior *successo* lyrico dos nossos tempos, passando além das ovações feitas a Gayarre, das maiores das quaes, as da *Favorita*, ella parthilhou enormemente.

Quando o panno cêe sobre o acto de Vachai, as chamadas contam-se já ás 15, ás 20, ás 25, e a opera, que massa, que enfastia e que vai mal cantada e mal posta em scena, dá enchescentes sobre enchescentes, e é muito aclamada, graças ao talento extraordinario da sr.^a Pasqua.

Amanhã, a sr.^a De Reské deslumbrará decerto o publico com as maravilhas da sua voz n'outra opera, e então teremos muito tempo para ser Reskistas. Ambas ellas, Pasqua e De Reské, são duas cantoras de primeira ordem: uma prima pelo seu bello órgão vocal, realmente extraordinario; a outra pelo seu talento dramatico, extraordinario realmente. Quando se ouve uma, gosta-se sempre mais d'essa. É o contrario do que acontecia nos outros annos: quando se ouvia uma cantora, gostava-se logo muito mais... da outra que não cantava.

— Sem sahirnos do mundo lyrico temos esta semana uma grande noticia, que é uma honra para Portugal: a noticia do exito alcançado em Marselha pela opera *Lauriana*, do maestro portuguez, Augusto d'Oliveira Machado.

A consagração do brilhante talento musical de Augusto Machado, feita pelo publico e pela critica da França, n'um dos seus primeiros theatros, o *Grand Theatre* de Marselha, é uma gloria para Portugal e para o illustre compositor, que na sua terra tem encontrado amigos sinceros, sympathias entusiastas, mas também esse pequenino cortejo de invejas e de vaidades feridas, que acompanham sempre o homem de talento.

Foi bom que Machado triumphasse lá fóra, ante um publico e uma critica estranhos, para calar a voz mesquinha d'esses mesquinhos odios, que atiravam á conta de favor amigavel e de compadrio, os *successos* do illustre maestro em Portugal.

Lauriana, opera lyrica em 4 actos, feita sobre o libretto extrahido dos *Beaux Messieurs de Bois Doré*, de Georges Sand e Paulo Meurice, é decerto a primeira opera portugueza que se estreia n'um grande theatro de França.

Essa estreia foi um *successo* para o maestro, que se viu aclamado por um publico dos mais diilicéis, e elogiado por uma critica feita sem amidades sympathicas e com a severidade da imparcialidade independente.

Tanto maior foi o risco corrido n'essa 1.^a representação quanto maior e mais importante foi o triumpho.

Ha muitos annos amigos de Augusto Machado e admiradores do seu bello e gentil talento, felicitamolo vivamente pela sua brilhante victoria, que o OCCIDENTE registrará n'outro lugar, como um importante facto artistico do nosso paiz e do nosso tempo.

Este mesmo facto lyrico, tão raro em Portugal, foi acompanhado, com differença de semanas, de outros dois factos quasi do mesmo genero, também raros entre nós, e a que o OCCIDENTE se referirá também largamente dentro em breve: — as estreias dos dois irmãos Andrades, Francisco e Antonio, como tenor um, e a outro como barytono, nos theatros lyricos de Italia e o exito lisongeiro e honroso d'essas duas estreias.

Finalmente Portugal exporta uma opera original para a França, a dois cantores nacionaes para a Italia: é já um facto importante: exporta-os com felicidade, a Italia applaude os cantores portuguezes e a França consagra o nosso maestro, o facto toma as proporções d'um acontecimento.

É necessario registal-o e festejal-o com todas as honras devidas.

— Em Lisboa os theatros continuam a explorar os seus successos, fazendo uma carreira brilhante em D. Maria a esplendida comedia de Paillon *A idade ingrata*, que ali se representou pela primeira vez em beneficio do actor Mello, um actor que tem muito talento e muitas sympathias: comedia espirituosissima que foi representada deliciosamente pelos principaes actores de D. Maria. O Gymnasio arranhou um successo dourado, com a magnifica charge de Besson *Rua da Paç 115*, que é enlevée com uma felicissima veia comica por Montedonio, Valle, Eloy e Diniz, e pelas sr.^{as} Barbara, Jesuina e Lucinda do Carmo. A Trindade prepara o grande *clou* da epocha *A volta do mundo*, para os bailados da qual contratou já dançarinas francezas e hespanholas, e o Principe Real teve uma noite de brilhantissima festa, a noite de beneficio do grande e desgraçado actor Santos.

Estas festas deixam sempre uma profunda tristeza no espirito de todos, do actor festejado e do publico que festeja. Um e outro lembram-se que essas festas se repetiam d'antes todos as noites com um enthusiasmo que crescia sempre na proporção assombrosa das manifestações resplandecentes d'esse excepcional talento. Hoje a festa acaba ao descer do panno: para o infeliz artista essas ovações tem 365 dias de intervallo; para o publico a presença momentanea do grande actor faz-lhe ainda mais sentir a saudade de hontem e de amanhã, de não o ver em scena senão d'anno a anno.

Gervasio Lobato.

GAMBETTA

Já se occupou o OCCIDENTE do grande tribuno francez, e cabe-nos portanto a tarefa, não de traçarmos a biographia d'esse homem illustre, mas de commemorarmos, com tristeza, o lugubre acontecimento que poz termo tão de subito a essa vida tão breve e tão cheia de grandes acontecimentos.

Antes que os seus inimigos, curvados diante d'esse tumulo, lhe prestassem a respeitosa homenagem que nem Rochefort nem Cassagnac lhe recusaram, já lhe tinham feito a apothese com as injurias, e já lhe tinham entranchado com espinhos a sua corôa gloriosa. Para um luctador a colera dos adversarios é a mais brilhante homenagem que se lhe pode prestar. Eu vi no congresso litterario, alguns escriptores francezes, pertencentes aos partidos monarchicos, fazerem-se rubros de indignação quando eu lhes fallava no talento de Gambetta. *Du talent lui!* Oh! se tinha! ainda que não fosse senão o talento de os irritar. No nosso regimen democratico, um politico que nunca foi insultado, vilipendiado, calumniado, injuriado, rebaixado, a quem nunca chamaram vinte vezes idiota e bandido, é um asno. Nunca teve o talento supremo de fazer pular os adversarios debaixo do chicote. Nunca

os soube fazer desesperar, espumar de raiva, empallidecer de colera. Por isso muitas vezes o maior triumpho que pode obter um orador politico é o assobio e a pateada. Pois se elle fustiga é para fazer doer. Se elle queima o inimigo com o ferro em braza, é para elle gritar. Quanto mais gritam mais dóe. Desabafem, meus senhores. Digam-lhe injurias, andem! Espumem, enfureçam-se, é isso mesmo o que se deseja. Se o escutam com um sorriso complacente, é porque elle é anodino, se o applaudem é porque elle é inepto.

Gambetta teve, durante a sua curta vida, esse triumpho supremo, teve na sua morte um triumpho maior ainda. Ah! se para além da campa soam ainda os echos d'este mundo, se as paixões que nos agitaram na vida ainda fazem pulsar debaixo da terra os corações já mortos, Gambetta devia ter uma alegria suprema no seu tumulo provisório do Père-Lachaise, quando ouvisse o grito de allivio e de desallogo, que saltaram brutalmente os jornaes allemães, ao verem-se livres d'elle. Esse *Carnot de la défaite* como alguns imbecis lhe chamavam, ainda era o unico francez que tirava o somno a Moltke, ainda era o unico inimigo que preocupava Bismark. Morreram com elle as esperanças patrioticas da *revanche*. Perderam a Alsacia e a Lorena o grande coração onde encontravam echo ainda as suas saudades e os seus queixumes.

Foi Gambetta incontestavelmente uma das mais poderosas organizações d'este seculo. Sardou chamou-lhe *Rabagas*, porque em França é mais facil, apesar das tradições gaulezas, ter espirito do que ter bom senso. O sr. Daudet chamou-lhe *Nima Roumestan*, porque no seu espirito refractario á banalidade litteraria não encontra a mesma resistencia a banalidade politica. Outros chamam-lhe com desdem um *advogado*. A espada de Napoleão I era mais necessaria á França em agosto de 70 do que a voz de Gambetta, mas a voz de Gambetta fez, em setembro, o que não faria a espada do Cesar moderno. A espada de Napoleão pouparia Sedan á França, mas só a voz de Gambetta lhe podia dar Châteaudun. Napoleão I poupar-lhe-hia a derrota, mas, depois da derrota, só Gambetta lhe pouparia a des-honra. Foi este advogado que perdeu a França, dizia-se. Pois não! Provavelmente foi Napoleão III que a salvou. Ah! meus senhores, quando um homem tem na sua historia Austerlitz e Marengo, Lena e Friedland, Arcola e Wagram, percebe-se que chame desdenhosamente *bavards* aos que o interrompem, mas quem têm nos seus fastos militares Metz e Sedan, deve reflectir um pouco antes de chamar assim desdenhosamente advogados aos outros. A um advogado deveu a França o unico lampejo de gloria que illuminou as trevas dos seus desastres, como a um outro advogado, um pequenino homem que se chamou Thiers, e que não tinha os grandes bigodes farrôes de um heroe nosso conhecido, deveu a França o poder salvar-se do abysmo a que a tinham arrojado as guias victoriosas de um homem que julgava que se é Napoleão de nascença.

Ah! se Gambetta não tivesse nascido n'aquella mercearia de Cahors que os leitores das Illustrações já hoje conhecem perfeitamente, o que elle teria feito! Mas um homem, por maior que seja o seu talento, e por mais democratizada que seja a sociedade em que vive, precisa de conquistar lentamente a posição a que chega com prodigiosa rapidez quem recebe no baptismo um nome sonoro, se as qualidades proprias o realçam, é claro.

Gambetta ainda hoje luctava, ainda hoje não era accéito sem contestações. E comtudo, que homem havia em França, depois da morte de Thiers, mais proprio do que elle para dirigir os destinos do seu paiz? Era um luctador e era um politico, um audacioso de tribuna e um calculador de gabinete; como os grandes generaes, como Cesar, como Napoleão, amadurecia os seus planos, e executava-os com uma ousadia fulminante. Sabia assistir, impassível e calado, á discussão dos seus actos, deixando Thiers defendel-o, e deixando elle pender negligentemente o seu braço das costas da cadeira a ouvir, e sabia, no momento proprio, arrojarse á tribuna, defendel-a como se defendeu Saragôça, replicando com uma palavra flammeante a cada interrupção da direita, pagando a Cassagnac injuria por injuria, e mantendo sempre intacto o fio do seu discurso. Sabia ir tomar o fresco para S. Sebastião quando lhe convinha não intervir na destruição da comuna, deixando a Thiers a tarefa de dar cabo d'esses seus amigos da vespera, e sabia affrontar intrepido, impavido, a turba-multa dos seus antigos eleitores de Belleville, e arrojá-lhes, espumante, sublime de coragem e de indignação, bello como Demosthenes diante do *demos* athe-

niense, ou como Mirabeau diante da ameaça das bayonetas do absolutismo, essa atrevida apostrophe: *Vous êtes des esclaves ivres*. Tinha a coragem e tinha a sagacidade. Sabia ver elle as coisas com a serenidade de um positivista e mostrava aos outros com a imaginação de um tribuno. Sem esse prestigio de figura e de physionomia que distinguem Lamartine, soube conquistar uma influencia enorme sobre o povo. Lamartine seduzira-o, Gambetta dominava-o. Lamartine era da familia dos rouxinoes, Gambetta da raça dos leões.

O prejuizo immenso, que a perda de Gambetta vae causar á França, sentiu-se já no dia seguinte ao da sua morte. Desapparecendo aquelle sagaz espirito, a camara franceza commetteu logo o erro singular de querer expellir do territorio francez os membros das familias que reinaram em França, e de fazer isso por lhe metter medo em manifesto de Jeronymo Napoleão. Nunca este principe, que os proprios bonapartistas têm em minima conta, imaginou que encontraria uma vez na sua vida, uma republica que se prestasse a cingir-lhe a frente com esta inesperada auréola. Como está atrazada ainda a educação democratica da França!

Pinheiro Chagas.

AS NOSSAS GRAVURAS

GAMBETTA NO LEITO MORTUARIO

Em outro lugar do nosso periodico faz o sr. Pinheiro Chagas a apreciação historica do homem notavel que a França acaba de perder, aqui faremos a descripção da gravura que se refere aos ultimos momentos de Gambetta.

A villa, ou quinta que possuia em Ville-d'Avray, Leão Gambetta, é uma linda propriedade composta de um bello parque, e uma casa elegante, afora outras dependencias.

A casa está adornada com elegancia, mas com simplicidade; conhece-se perfeitamente que é a habitação de um homem de letras, e não a de um milionario sem letras.

O salão da entrada está mobilado com gosto, mas sem affectação. O quarto de Gambetta é bastante grande, atapetado e forrado de uma côr indeciza, e mobilado tão simplesmente como o salão.

Uma secretaria, uma commoda, uma mesa, uma estante com livros, poucos moveis mais e a cama no centro.

Um barometro está suspenso sobre a cabeça; á esquerda uma gravura antiga, representando Mirabeau, de pé com o braço estendido; do outro lado duas aguas-fortes: a *Ronda nocturna*, e *Jesus entre os leprosos* de Rembrandt. Á roda da cama muitas luzes. Numerozas vellas ardem em serpentinas de um ou dois braços collocados em diferentes logares. Muitas flores e duas enormes corôas estão sobre a cama.

O cadaver de Gambetta está estendido, na posição em que ficou ao soltar o ultimo suspiro, com a cabeça um tanto inclinada para o hombro esquerdo e os cabellos lançados para traz.

A côr do rosto está um pouco alterada, os labios parecem sorrir, e os olhos grandes e abertos, conservam a expressão que tinham durante a vida.

De tudo o que havia de grande e poderoso n'aquelle espirito, resta o corpo inerte cercado do que não sabe sentir aquella perda.

D. JORGE EUGENIO DE LOCIO SEIBLITZ

A 5 do corrente mez de janeiro falleceu repentinamente fulminado por uma apoplexia, no proprio escriptorio do jornal a *Nação*, o seu redactor principal o sr. D. Jorge Eugenio de Locio Seiblitz.

Era D. Jorge, depois do fallecimento de Antonio Rodrigues Sampaio, talvez o decano dos jornalistas portuguezes. Muito menos edoso do que aquelle, pois não tinha ainda sessenta e quatro annos completos, era um ornamento do seu partido, pela sua seriedade, hombridade, distincção de intelligencia e de maneiras.

Nascera D. Jorge em Villa Nova de Portimão a 23 de fevereiro de 1819, sendo filho legitimo de D. Francisco Xavier de Locio Seiblitz, natural de Pernambuco, bacharel formado em Direito, desembargador da Relação e casa do Porto, superintendente das alfandegas do Algarve, etc., e de D. Maria Amalia Coelho Judice Biker de Gusmão Tavares, tambem de familia illustre, e dotada das mais eminentes virtudes.

Era oriunda a sua familia do reino da Suecia. D. Jorge teve educação regular, e d'ella são prova evidente, não só os trabalhos relativos á instrucção secundaria, fazendo a vulgarisação dos methodos de Noel e Chapsal, para o estudo da lingua franceza, mas tambem a redacção do re-

ferido jornal, que depois da morte do dr. Bruschi, ficou a seu cargo.

As suas relações e tradições de familia collocaram-n'o no partido realista, onde se encontrou no desabrochar da vida, e onde persistiu até o seu ultimo momento, com uma lealdade e abnegação dignas do maior elogio.

Como homem de letras era versado nas linguas latina, franceza, hespanhola, e conhecia a ingleza. Se o auctor favorito do nosso primeiro jornalista, Sampaio, era Horacio, aquelle homem do senso mais perfeito que illustrou o seculo de Augusto, o auctor favorito de D. Jorge de Locio, era Virgilio o espirito mais melancolico, puro e gentil da Roma pagã. Os vislumbres de philosophia christã que transparecem d'entre os ridentes quadros do poeta mantuano, deviam ser um encanto para a alma singelamente bem formada e sinceramente christã do jornalista portuguez.

A amizade tinha n'elle o mais fervente e delicado cultor, a caridade era n'elle mais uma necessidade da sua natureza bondosa, do que um principio recebido da educação.

Lancemos uma saudade sobre a campa do collega da imprensa, e vertamos por elle uma lagrima juntamente com os seus amigos.

O PASSEIO DO ROCIO

Metade d'elle já se foi embora, coitado, e a outra metade pouco tempo lhe sobreviverá: o publico que d'antes o enchia aos domingos á hora da musica, abandona agora a segunda metade pela primeira, como nos hospitaes se abandona um moribundo quando a sciencia já disse a seu respeito a ultima palavra.

Agora o passeio demolido merece todas as attentões, chama toda a concorrência, entretém a pasmeira indigena, emquanto o resto do passeio conservado ainda por um taipal toscos, está positivamente ás moscas.

O OCCIDENTE não deixará esse morto illustre perder-se na Avenida da Liberdade, sem lhe fazer o seu necrologio; e hoje publicando o retrato d'aquelle que deu já as suas grades, o seu tanque, as suas arvores, e os seus candeieiros, á praça da Restauração, vae esboçar-lhe rapidamente a biographia.

O passeio que hoje agoniza sob a picareta municipal tem a idade respeitavel de cento e dezoito annos.

Foi em 1764 que, esse pobre passeio viu a luz do dia edificado sobre umas hortas que ali existiam chamadas hortas da cêra, pertencentes ao marquez de Castello Melhor, que se alastravam até ao principio do Salitre—onde a sua travessa viveu muitos annos, e está agora sepultada sob a larga estrada da Avenida. N'essas hortas deitaram-se os entulhos da cidade baixa.

O antigo palacio dos marquezes de Castello Melhor, occupava annos antes todo o espaço que fica entre a rua dos Condes e a travessa das Portas de Santo Antão, arrazou-o completamente o terremoto de 1755.

Á esquina da calçada da Gloria tinham porém os marquezes de Castello Melhor, outro grande palacio—o actual—que pertenceu aos condes da Castanheiras, e onde se fizeram muitos conciliabulos no tempo do rei D. Affonso VI e se passaram muitas scenas escandalosas.

O jardim d'este palacio deitava para uma horta que fazia parte das hortas da cêra, e se denominava a horta da Mancebia. O conde de Castello Melhor comprou essa horta e as outras por 22 mil cruzados.

Depois do terramoto o marquez de Pombal comprou ao marquez de Castello Melhor a horta de Mancebia, e foi ahí que sob o risco do architecto Reinaldo Manuel se estabeleceu em 1764 o Passeio Publico.

As arvores primitivas d'esse passeio foram dadas por Jacome Ratton dos seus viveiros da Barca d'Alva.

Feito sobre a horta chamada de Mancebia, vê-se bem que até aos seus ultimos momentos o passeio publico foi sempre fiel ao seu titulo primitivo: que o digam os brasileiros, as senhoras sós da baixa, os soldados da municipal, e as amas de leite, que constituiram até agora o fundo invariavel do publico permanente d'esse passeio.

Até 1836, o passeio publico era simplesmente um bosque de 300 metros de comprimento, todo murado, com 15 janellas de grade de cada lado. A frente era um tapume de madeira, com uma cancella; uma frente provisoria, que durou até 1834 em que a camara municipal mandou fazer o risco para a ampliação e conclusão do passeio.

Efectivamente d'alli a 4 annos, 1838, esta obra importante concluiu-se: o muro do passeio foi substituido pelas grades, que hoje eram tão ridiculas, e então tanto enthusiasmo fizeram,

e nos portões de ferro, que hoje já desappareceram, da entrada para o lado do Rocio, estava gravada entre corôas essa data memoravel.

Com as obras do gradeamento o passeio foi ampliado com mais 30 metros de comprimento, ficando a rua do meio com vinte metros de largura: a medida que conservou até á sua ultima hora.

Por esse tempo começaram então as grandes festas nocturnas do passeio: a sua idade d'ouro.

Nas primeiras illuminações que se fizeram, as grades foram todas cobertas de lonas, para que o publico não tivesse espectáculo de graça, e quem entrava no passeio n'essas noites tinha que pagar 200 réis.

Durante alguns annos as festas do passeio á noite eram o grande attractivo de Lisboa no verão. Houve ali o café concerto, que não conseguiu implantar-se em Portugal, e que apenas deixou uma recordação que se tem transmitido até hoje, a do incendio de M.^{me} Dargis, que ficou horrivelmente queimada, mas que melhorou e ainda hoje vive em Lisboa: os esplendidos fogos de M.^{me} Tournour, que deixou á pyrotechnica portugueza as legendarias serpentes perseguindo a borboleta; e depois as varias illuminações e festas brilhantes, que se foram pouco a pouco apobretando, até chegarem ao preço de meio tostão, e a terem por unico attractivo o sr. Justino Soares vestido de Luiz XIV.

O gosto moderno condemnou de ha muito as grades do passeio: os Justinos condemnaram absolutamente as festas, e finalmente, depois de muito discutida e de muito desejada, a sentença de morte ás grades do passeio foi pronunciada no fim do anno passado, e logo posta em execução, antes que alguém se lembrasse de lhe commutar a pena.

A Lisboa de hontem vae desapparecendo ante a Lisboa de amanhã. É a lei fatal das coisas humanas.

Os soldados da municipal e as amas de leite que deponham uma lagrima sentida sobre esse Passeio que desapparece.

L.

CLAUSTRO DO CONVENTO CARMELITA DA VIDIGUEIRA

Ao extinto convento dos Carmelitas da Vidigueira, vulgarmente mais conhecido por convento de Nossa Senhora das Reliquias, e notavel por se conservarem ahí por mais de dois seculos os restos mortaes do grande Vasco da Gama, pertence o claustro representado na nossa estampa. A sua construção assim como a da igreja e convento, é do fim do seculo XVI, fazendo-se com grande solemnidade a inauguração do templo em 8 de setembro de 1593.

O claustro mede na parte descoberta pouco mais de 13 metros em quadrado; no centro está um poço aberto em rocha com excellente agua nativa e em cada angulo tem plantada uma larangeira. É limitado por quatro faces iguaes do edificio com dois pavimentos, no superior em forma de varanda com oito arcos e no do rez do chão tinha de cada lado quatro arcos grandes, que hoje estão uns tapados de alvenaria e outros reduzidos e transformados em portas. Alem de alguns supportes de alvenaria teem junto á parede alegretes com flores.

Para a arcaria do claustro communica a antiga capella da Senhora da Piedade que é abobadada, lendo-se sobre o portal de marmore de Estremoz a seguinte inscripção: ESTA CAPELLA MANDOV FAZER LOVRENÇO MORENO NA ERA 1545.

No pavimento da mesma capella tinha uma campa com a legenda: ESTA CAPELLA E SEPULTURA HE DE LOVRENÇO MORENO E DE PEDRO ESTAÇO, E DE SEVS HERDEIROS: PEDEM PATER NOSTER POR SVAS ALMAS.

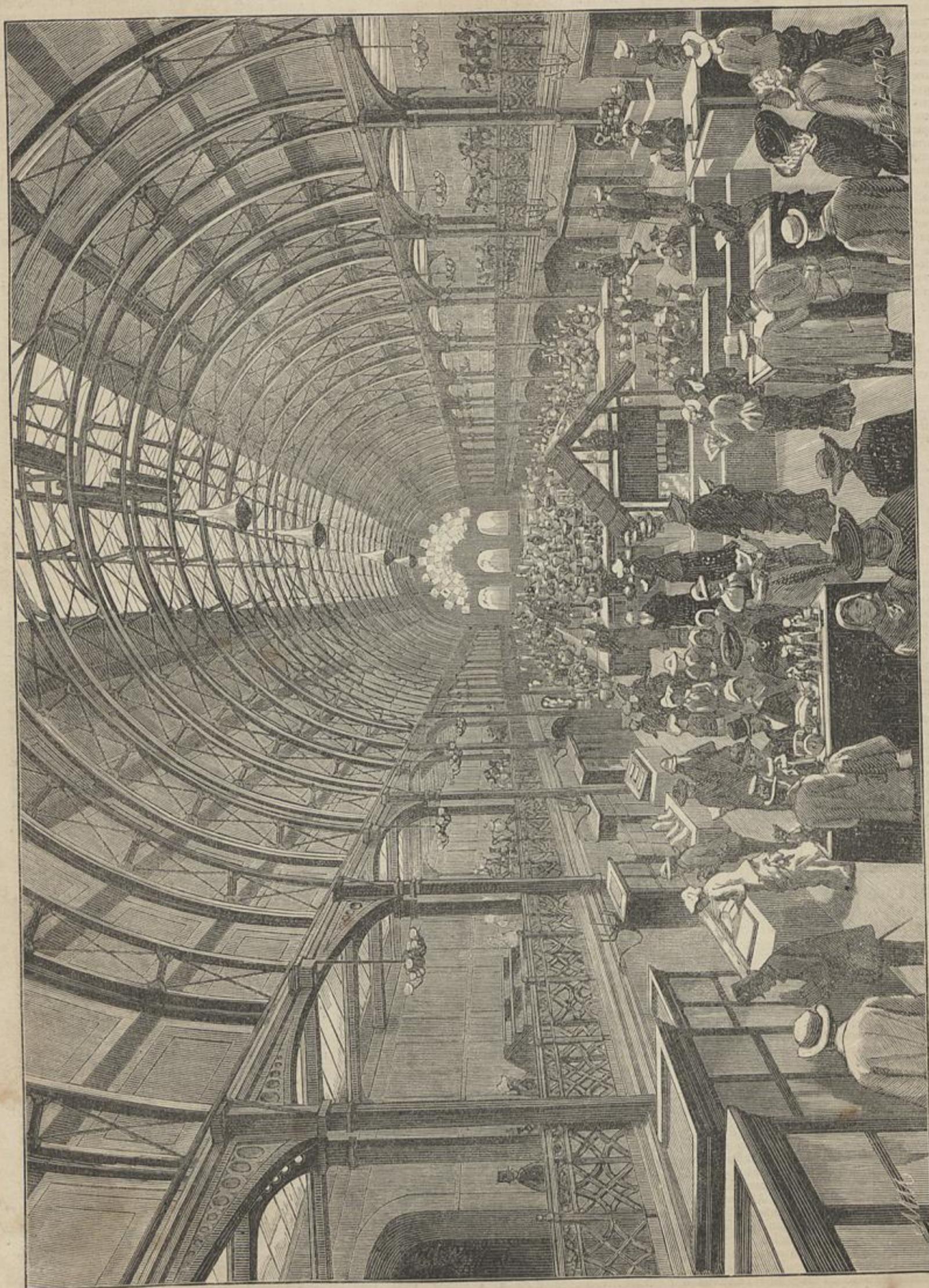
No seculo passado ainda alli se conservavam dentro de um caixão forrado de veludo preto, n'um vão da parede do lado da epistola, os ossos do dito Lourenço Moreno, que era natural de Moura, fidalgo da casa de D. João III, que serviu na India e instituiu esta capella por escriptura feita em Lisboa a 28 de fevereiro de 1544. Depois da suppressão das ordens monacaes em 1834, o convento Carmelita da Vidigueira soffreu os maiores vandalismos, não escapando á sordida cubica nem a sepultura do immortal descobridor das Indias Orientaes.

Depois de roubado e desmoronado foi posto em praça e arrematado por 3:300:000 réis!

Felizmente foi arrematante o sr. D. José Gil, nobre cavalheiro de Portel, que cheio de patriotismo restaurou o mosteiro e restabeleceu o culto á Senhora das Reliquias, a quem os povos das circumvisinhanças são muito devotados.

É a essa illustre familia a quem hoje Portugal deve o poder mostrar, na igreja de Santa Maria de Belem, os restos mortaes do grande Vasco da Gama.

A. C. Teixeira de Aragão.



PORTO — EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA PROMOVIDA PELA SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO DO PORTO, NO PALACIO DE CRYSTAL

EXPOSIÇÃO DE CERAMICA NO PORTO

I

A Sociedade de Instrução do Porto acaba de realizar com gloria sua e proveito da industria nacional uma das exposições mais interessantes que se tem visto no nosso paiz, attentos os elementos que pôde reunir para a avaliação bem determinada de um ramo de trabalho, cujo valor e desenvolvimento não fôra facil discriminar até agora, pela falta de um concurso d'esta natureza.

Pouco benevolos mas justiceiros, como fomos n'este mesmo lugar, quando tratámos de apreciar em tempo a importancia positiva da exposição de industrias caseiras levada a effeito pela mesma sociedade, folgamos ter ensejo de dar um testemunho da nossa imparcialidade, louvando os esforços e o cuidado com que ella se houve agora na organização de um certamen cujo exito ultrapassou em muito a expectativa dos mais exigentes.

Na convergencia de dedicações prestantes para o bom exito da exposição de que se trata, cumpre mencionar dois nomes que representam o esforço da mais desvelada preponderancia para a coroação felicissima da louvavel iniciativa da Sociedade de Instrução. Um d'esses nomes é o do sr. Izaak Newton, cuja lucidez, de espirito, amor á agremiação que fundou e infatigavel energia, contribuíram poderosamente para o excellent resultado do concurso. O outro é o do sr. Joaquim de Vasconcellos, um dos homens que no nosso paiz mais se tem dedicado á propaganda insistente de ideias proveito-



D. JORGE EUGENIO DE LOCIO SEIBLITZ — Fallecido em 5 do corrente

(Segundo uma photographia)

sissimas para o levantamento de diversas industrias nacionaes, decahidas ou desprezadas, e que n'esta occasião deu mais uma prova frizante da sua sciencia e do seu criterio, percorrendo varios pontos do paiz por onde reuniu uma valiosa colleção de louça popular e esclarecendo a opinião publica com escriptos conceituosos sobre materias nebulosas ou intrincadas, ao estudo das quaes poucos se dedicam com a persistencia com que elle o faz.

A exposição, pois, attingiu perfeitamente o fim que os seus promotores tiveram em vista e da reunião dos elementos variados que a ella concorreram podem tirar-se as seguintes illacções geraes sobre o fabrico nacional.

Que possuímos excellentes materias para a melhor producção de todos os ramos da ceramica.

Que temos operarios intelligentes e habillissimos.

Que ha falta sensível de educação artistica para aperfeçoar e desenvolver as qualidades d'esses artifices, e que as noções obscuras de manipulação que possuem, são aggravadas em grande parte, pela ignorancia quasi completa das propriedades das materias de que se servem.

Conclusão: Necessidade instante de escola e de laboratorio.

Um facto que resaltava á vista do visitante que percorria a exposição era o encontrar na louça ordinaria das aldeias extrema belleza de fórmas. E aliás o artifice que a modela é, por via de regra, incapaz de definir o estylo do vaso que lhe sahe das mãos, tornando-se, por assim dizer, inconsciente e material o seu trabalho. Como se explica pois



ENTRADA PRINCIPAL DO PASSEIO PUBLICO DO ROCIO, DEMOLIDA, PARA DAR LOGAR Á PRAÇA DA RESTAURAÇÃO

este phenomeno, se assim se lhe póde chamar?

Pela tradição dos padrões deixados pelos povos que em épocas mais ou menos remotas dominaram na península, e pela persistencia do operario em conservar, de geração em geração, as fórmas primitivas que lhe legaram os antepassados.

Nem de outro modo se poderiam explicar a pureza de linhas da configuração grega, que predomina em muitos utensilios da olaria ordinaria, e as reminiscencias bem definidas tanto na modelação como na ornamentação, do estylo oriental que se assignala na louça de outras localidades em que a influencia d'aquellas raças mais se fez sentir.

Havia alli vasos de barro preto e vermelho que reproduzidos na sua restricta simplicidade em porcellana ou em boa faiença, poderiam honrar a copa mais luxuosa ou decorar a sala mais aristocratica.

Abençoada rotina essa, pois, que tem permitido fazer chegar até nós, na sua reprodução quotidiana, esses formosos modelos que opulentam o rustico lar dos nossos aldeãos.

Se a louça das aldeias se admirava pela beleza de aspecto, surprehendia ainda mais pelos preços infimos porque é vendida, custando a acreditar que o oleiro possa sustentar-se com o producto de tão mal recompensado trabalho.

Talvez seja por isso que essa industria mostre tendencias para desaparecer em algumas localidades, ou para decrescer de importancia e em caso tão lamentavel benemerita se torna a Sociedade de Instrução reunindo no seu museu industrial os importantes subsidios que acaba de adquirir para a historia da olaria nacional, e entre os quaes se contam exemplares que um dia talvez venham a ser os unicos no nosso paiz.

A parte da exposição relativa á louça das aldeias era opulenta não só em numero de expositores, como em quantidade de objectos. Viam-se alli productos de Vianna, Valença, Villa Verde, Barcellos, Braga, Guimarães, Prado, Villa Real, Mirandella, Chaves, Moncorvo, arredores do Porto, Ovar, Aveiro, Coimbra, Vizeu, Lamego, Extremoz, Villa Viçosa, Loulé, Faro, Portimão, emfim todas as provincias de Portugal, todos os centros mais importantes d'essa industria.

Na Europa não houve ainda uma exposição em que melhor estivesse representada a olaria popular de qualquer paiz como na que acaba de realizar-se no Porto, e isso, que era confirmado a cada passo pelos estrangeiros que a visitavam, constituia para elles e para os estudiosos, uma das partes mais importantes do certamen.

N'essa seccão obteve o premio do governo o sr. Manoel Leite Pereira, fabricante da Ilha de S. Miguel. Foram poucos os exemplares de louça de barro vermelho vidrado que apresentou, mas esses eram tão bem fabricados, denunciavam um tal cuidado na manipulação da materia de que eram compostos, que o jury julgou dever honrar aquelle expositor com uma das primeiras distincções. Os objectos d'este fabricante extremavam-se ainda pela sua fórma original e phantasiada.

Com diplomas de merito foram contemplados tres fabricantes, sendo um de Extremoz, outro de Mollélos (Vizeu), povoação notavel pela sua louça preta, e Guimarães. Com menções honrosas, expositores de Casal de Redinho, Villa Viçosa, Ossella, Coimbra, Lugar do Rio, Coimbra, Lugar da Chã, Loulé e Lagoa.

Concluimos com este primeiro artigo a rapida revista da exposição de ceramica do Porto, reservando-nos para os seguintes o tratar da curiosissima seccão dos azulejos, e das de louça antiga, porcellanas e faienças.

Porto, dezembro.

Manoel M. Rodrigues.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

1.^a Carta

(Conclusão)

A estrada de ferro de Caravellas aos Aymorés é de facil construcção e pouco accidentada, especialmente nos primeiros 40 kilometros.

A sua extensão total é de 142 kilometros e 400 metros.

As condições technicas da estrada são as seguintes:

Quanto a declives

Declives	Distancias horizontaes	Percentagem
Em trechos de nivel...	46069 ^m ,4	ou 32,352 %
De nivel até $\frac{1}{100}$	62168 ^m ,6	" 43,657 %
De $\frac{1}{100}$ até $\frac{15}{1000}$	5695 ^m ,0	" 4,000 %
" $\frac{15}{1000}$ a $\frac{2}{100}$	20114 ^m ,6	" 14,125 %
" $\frac{2}{100}$ " $\frac{23}{1000}$	8352 ^m ,4	" 5,866 %
	142400 ^m ,0	100,000

Quanto a curvas

Distancias horizontaes	Percentagem
Em tangentes.....	101703 ^m ,64 71,421 %
" curvas de mais de 300 ^m	26546 ^m ,00 18,642 %
" " " 200 ^m a 300 ^m	4556 ^m ,40 3,200 %
" " " 150 ^m " 200 ^m	2707 ^m ,70 1,901 %
" " " 100 ^m " 200 ^m	6886 ^m ,26 4,836 %
	142400 ^m ,00 100,000

Tem 7 estações, a saber:

Caravellas.

Tacuary kilometro 36.

Juerana kilometro 51.

Peruhipe kilometro 66.

Piqui ainda não foi marcada.

Mucury kilometro 122.

Aymorés kilometro 142 mais 400 metros.

O seu perfil é pouco accidentado. Começando na estação da Ponta d'Areia (Caravellas) 4 metros apenas sobre o nivel do mar, eleva-se do kilom. 17 ao kilom. 20 a 6 metros; do kilom. 20 a 25 sóbe a 14 metros, elevando-se a 20 no kilom. 30; continuando a subir até á estação dos Aymorés, que está 120 metros acima do nivel das maiores marés.

Ao partir para Caravellas, a estrada toma a direcção norte até ao kilometro 10, afim de se desviar dos grandes e largos braços do esteiro de Caravellas, que ficam a oeste;—d'aqui ao kilometro 20 segue a direcção N.O., e depois a direcção geral é de E.O.

Os primeiros 17 kilometros são construidos em terreno baixo e alagadiço, sendo, como dissemos, de 4 metros a maior altitude d'esta zona.

Entre Caravellas e a colonia allemã denominada Leopoldina — estação de Peruhipe — a estrada de ferro atravessa, sobre pontes de madeira, desenoze cursos d'agua, que se lançam directamente no esteiro de Caravellas, o qual mede approximadamente 39 kilometros de extensão entre a barra de Caravellas e Peruhipe. O porto de Caravellas — um dos melhores do Brazil — é não só muito profundo n'essa parte do esteiro, como tambem na parte que conduz ao Cupido, sendo até ahi a sua menor profundidade de 5 metros. O esteiro na parte principal tem a profundidade que varia de 9 a 18 metros.

A primeira estaca dos estudos foi fincada no dia 7 de outubro de 1880, tendo os engenheiros chegado a Caravellas no dia 3 do mesmo mez e anno. Os estudos, apesar de todas as difficuldades, de que seria longo fazer a historia completa, foram concluidos em fins de maio de 1881. No dia 25 de janeiro começaram os trabalhos do movimento de terra, e a 16 de maio de 1881 inaugurou-se o assentamento dos trilhos.

Além da estrada de ferro, a empresa mandou proceder aos estudos de cerca de 200 kilometros para a continução da mesma estrada na provincia de Minas, e preparar terrenos, na margem do rebeirão denominado *Pau Alto*, para uma colonia. Ahi, partindo do referido rebeirão, foram medidos e balisados 100 lotes de 250 metros de frente. D'esses lotes, 50 tem uma derribada de um hectar e uma pequena casa de madeira para cada familia de colonos. No centro da colonia foram construidos dois grandes barracões ou ranchos para recepção dos colonos, e outro para armazen e moradia do director da colonia. Construíram-se estradas ligando os diversos lotes com o centro da colonia, e esta á estação Mucury da linha ferrea.

A empresa tem na Europa o sr. Augusto Au-

gry, como seu agente, encarregado de mandar colonos bascos, devendo chegar até feveiro proximo 40 familias.

A empresa mandou ainda construir muitos kilometros de estradas de rodagem; pontes de alvenaria e de madeira; preparar terrenos de diferentes pontos para construcção de casas, e culturas; estabelecer fontes publicas; e finalmente, preparar terrenos para pastoria dos gados dos habitantes do sertão, que se dirigirem á linha ferrea.

No dia immediato ao da inauguração visitámos a cidade de Caravellas.

Esta cidade está situada na latitude 17°45' S. no extremo oriental d'uma immensa planicie á margem d'um amplo braço de mar, como se poderia fazer melhor idéa pelo desenho que acompanha esta carta. Tem uma igreja, que serve de matriz, dedicada a Santo Antonio, construida em 1581, e da qual tambem lhe envio o desenho, que d'ella tirei.

Com a estrada de ferro Bahia e Minas, Caravellas terá um prospero futuro.

Segundo informações colhidas na localidade, a cidade da Caravellas foi elevada á categoria de villa em 1701; á de parochia em 18 de janeiro de 1755; á de cidade pela carta de lei provincial n.º 521, de 23 de abril de 1875; e finalmente, foi considerada cabeça de comarca judicial em 20 de março de 1854. Terá 1000 fogos com 4000 habitantes. O commercio d'esta cidade consiste na exportação de côco, mandioca, azeite de baleia e café. Só a colonia Leopoldina exporta annualmente pelo porto de Caravellas 150 mil saccas de café. A occupação principal da maior parte dos caravellenses é ainda hoje, apesar de consideravelmente decadente, o da perigosa pesca da baleia.

No dia 11, o *Maria Pia*, largou de Caravellas em direcção a Victoria, capital da provincia do Espirito Santo, onde pouco tempo nos demorámos.

A cidade de Victoria tem um pequeno porto, quanto a dimensões, mas d'uma belleza encantadora, como verá do respectivo desenho.

Observada da bellissima bahia, coroada de pittorescas montanhas povoadas de denso arvoredor, e assente nas abas de uma colina de granito, com o seu enorme *Penedo* de sentinella á entrada do porto, pareceu-nos uma formosa indiana mirando-se nas crystallinas aguas do tanque do seu *diuly*.

Saindo de Victoria na madrugada do dia 12, entrámos na manhã do dia seguinte na bahia do Guanabara, ou do Rio de Janeiro, tendo passado oito dias no melhor convívio que se póde imaginar.

Recebam s. ex.^{as}, os senhores empresarios, os mais cordiaes testemunhos da nossa gratidão, pelas benevolentes e generosas atencções com que se dignaram receber-nos.

Ainda quando a empresa da estrada de ferro Bahia e Minas nada mais fizesse senão esta via ferrea, este facto só por si era bastante para considerar os seus concessionarios benemeritos da patria.

A concessão d'este caminho de ferro só foi conferida á empresa depois de muitas luctas! Assim devia ser; porque, em regra geral, as empresas de maior utilidade são sempre as mais difficéis, como as idéas mais elevadas são sempre as que encontram maior numero de contradictores.

A empresa póde gloriar-se de ter reconquistado, por assim dizer, esta região importantissima do imperio brasileiro, abrindo á custa de sacrificios de toda a ordem, e sem subsidio do estado, esta via de communicação, que porá brevemente os povos do sertão, do norte de Minas e sul da Bahia, em mais immediato contacto com o mundo civilisado; nobilitará o trabalho, base de todas as sociedades, com a sua estrada de ferro afogentará os *bugueros* do sertão, que o infestam, e levantará as sociedades cultas do norte de Minas da prostação em que jazem.

As vantagens que para a civilisação d'estes povos agricolas resultarão de tão elevada abnegação, são incalculaveis.

Para solemnizar a inauguração da estrada, o engenheiro, Abilio Cesar Borges, filho do sr. barão de Macahubas, praticou um acto nos Aymores, que muito o honra e nos comoveu. Foi o facto de, na occasião do *lunch*, depois de um breve, mas sentido discurso, depositar nas mãos do presidente da provincia da Bahia, e ex.^{mo} conselheiro Pedro Luiz, a carta de alforria de um seu escravo, que d'este momento em diante

ia gosar de todas as regalias de cidadão brasileiro. Bem haja s. ex.^a por acção tão nobre; e accete novamente os protestos da nossa sympathia.

Nos tempos modernos, em que se manifesta a razão soberana pelos desenvolvimentos da sciencia, da industria e bem-estar; as revoluções politicas ou sociaes não têm por fim o fundar sob a nova liberdade uma nova escravidão, como succedia nos tempos coloniaes.

Este trabalho transformador não pôde ser considerado senão pelas leis da antiga sociedade, cuja immobildade o homem transpõe, cuja dominação o homem repelle.

O homem deve incontestavelmente empregar todos os esforços por melhorar a sua condição no globo, confiando a agentes inferiores os trabalhos mechanicos mais custosos, e reservando-se para os exercicios da intelligencia; mas não é, sobre a sua especie, que elle deve fazer cair toda esta pesadissima carga, é sobre os animaes domesticos, primeiro, sobre as machinas, depois.

O que hoje está demonstrado é que o trabalho forçado não é productivo, nem moralizador.

O louvavel procedimento da empresa da estrada de ferro Bahia e Minas pôde com effeito servir de modelo a todos os futuros empreendedores, que tomarem a pesada obrigação de conquistar, de arrancar os direitos do Imperio brasileiro das mãos de seus inimigos, em face d'um poder materialmente forte, como tem sido sempre o das tribus selvagens, que abandonando as suas tabas e malocas se vão collocar com mão armada de arco e flexas nas veredas das florestas, matando os viandantes, como acaba de succeder a um dos convidados; e muitas vezes percorrendo e devastando como feras as habitações dos fazendeiros despercebidas e exercendo n'ellas barbaridades de todo o genero.

Termino pedindo, ao Mattos, se digne transmitir a expressão dos sentimentos mais cordiaes a toda a sua familia e amigos, e que receba um abraço do seu do coração.

A. Lopes Mendes.

O AMIGO VISCONDE

III

Alvaro e Valentina almoçaram no quarto, á uma hora da tarde. Estavam ambos um pouco fatigados da viagem; mas, não obstante, Alvaro comia com appetite. Sentado defronte de Valentina, um pouco debruçado sobre o prato, com o guardanapo estendido sobre o peito, atirava-se ás ostras cruas com vontade.

— Então logo — dizia elle, extrahindo o marisco com os dentes do garfo — vamos para a nossa bella casinha, hein? E, chegando a concha á bocca, sorvia a ostra.

— Já preveniste a tia Dorothea? perguntou Valentina.

— Tudo prompto — respondeu elle, bebendo um golo de Bucellas. — Escrevi-lhe, dando-lhe parte da nossa chegada, e pedindo-lhe ao mesmo tempo que se não dêsse ao incommodo de cá vir. Não achas que fiz bem?

O criado entrou com uma carta.

— De quem é? — perguntou Alvaro, rasgando o sobrescripto. Leu. Era justamente da tia Dorothea. Tinha já enviado os criados para casa, e estava morta por abraçar os seus queridos sobrinhos... Um beijo para Valentina.

— Boa senhora, coitadinha! — disse Alvaro com ternura. — Fica entregue.

O criado saiu.

Depois das ostras, Alvaro comeu ainda uma perdiz assada, um *beef* á ingleza; e, quando o criado voltou para mudar os pratos e receber as ordens

— Olha — disse Alvaro — traze-me... Tu que mais queres, Valentina?

— Eu, tomo chá.

— Então — proseguiu Alvaro — chá para a senhora, e para mim... que hei de eu comer?... espera... ah! traze-me um *pan-kack*.

— Yess — sibilou o criado, abrindo a porta para sair.

— Olha...

O criado voltou a traz.

— Mas — recommendou Alvaro, com uma voz untuosa de sybarita — que seja muito bem feito; ouviste, Jonh?

All rite! — gritou Jonh; e, atirando uma toa-

lha para o hombro, partiu logo a cumprir as ordens.

No fim do almoço, quando Alvaro, só á mesa, saboreava o seu calix de Hennessy, que scintillava como um grande topasio engastado em crystal, o guarda-portão entrou no quarto, trazendo um ramo de flores e dois bilhetes de visita. Alvaro passou o ramo a Valentina, e leu o nome.

— Bravo!

— De quem é? — perguntou Valentina, cheirando as flores.

— De quem ha de ser? — disse Alvaro, esgotando o cognac. E, levantando-se pesadão e satisfeito, de charuto ao canto da boca, e com os dedos fncados na borda da meza: — do Luiz.

Então, como se todos os espinhos d'aquellas rosas lhe entrassem de repente na palma da mão, Valentina deixou cahir com repugnancia o ramo sobre o marmore do toucador!

IV

No dia seguinte, ás quatro horas da tarde, quando Alvaro sahia do escriptorio do banqueiro, avistou o seu amigo visconde de Tagilde sentado a uma mesa do Pucci. Atravessou logo a rua.

— Oh! — exclamou o visconde, surprehendido, vendo-o apparecer á porta. — Entra, e toma alguma coisa.

— Não tomo nada — disse Alvaro, sentando-se ao lado.

O visconde tinha sobre a mesa um copo de agua de seltz com cognac, que ia beberricando aos goles. Estava fresco como uma primavera! Vestia uma sobrecasaca preta, abotoada alta, com uma gardenia mettida na *boutonnière*; luvas cor de tijollo pespontadas á ingleza; uma calça muito justa de xadresinho azul. O collarinho alto e reluzente sobressahia d'um *plastron* de setim preto com riscas escarlates, ao meio do qual scintillavam os rubis d'uma ferradura d'oiro.

Alvaro admirava-o.

— Bravo! Todo catita! todo chic!

O visconde olhava-se com modestia.

Era um velho fato que lhe tinha feito o anno passado o Pool; porque elle não se vestia em Lisboa, onde não havia sequer um alfaiate em termos. E, para corroborar a sua opinião, perguntou:

— Quem diabo se veste ahí decentemente? Sim, já não digo com gosto, digo apenas: de-cente-mente!

Alvaro sentia-se vexado nos seus bríos de lisboeta; e, procurando os nomes dos alfaiates affamados, redarguiu:

— Não é tanto assim, Luiz. O Keil...

— Não carregues no e — emendou logo o visconde. — Vocês, em Lisboa, alteram o nome d'esse pobre alemão.

— Então?

— Keil (Kail) repetiu o visconde; é como se tivesse um a.

— Bem — continuou Alvaro, já um pouco achado pela interrupção. — Mas... ha esse, ha o Strauss, o Nunes, o Catarro...

— Mas — insistiu o visconde — quem vestem esses senhores? Sim; porque alguém se ha-de vestir n'esses alfaiates. Ora, onde estão esses elegantes?

— Quem? Olha...

E Alvaro, correndo com a cabeça do pollegar a cabeça dos outros dedos, ennumerou varios nomes: — O Jorge Sardenha, o Malachias, o Barão de Machado...

O visconde, com o castão da bengalla collado aos beiços, ouvindo aquelles nomes, encotinha os hombros, com um sorriso desdenhoso...

— El-rei — apresentou então Alvaro triumphante.

O visconde aprumou-se e abriu muito os olhos. Era sério aquillo.

— El-rei, Alvaro?! El-rei? Mas tu dás uma triste idéa de ti. El-rei é uma pobre victima do tal espirito de nacionalidade. Coitado! Vêr-se obrigado a vestir uns fatos hediondos d'estes remendões do reino! Oh! que infeliz!

Não conhecia no paiz ninguem mais desgraçado do que era esse pobre monarcha!

— Pois tu comprehendes — insistiu elle — que se possa ser um ente feliz, tendo de aturar toda a vida o indigena d'esta malfadada terra! Ter de viver constantemente, ali, encafado n'aquelle pardieiro da Ajuda, n'umas velhas salas sem conforto, sem estylo, cercado de massadores, sem uma distracção, sem um bocado de sport, sem sequer poder sahir, de vez em quando, como toda a gente — asseverava o visconde — sim, como toda a gente, a respirar um pouco d'ar lá fóra, na Suissa ou na Escossia!?

— Oh! — lamentava depois com uma voz pungente, como se na verdade fallasse d'um grande infeliz — é uma victima! uma triste victima!

Alvaro calou-se convencido, derrotado e murcho. Depois d'um curto espaço de silencio, o visconde perguntou-lhe d'onde tinha vindo. E, quando Alvaro respondeu que sahira do escriptorio do seu banqueiro...

— Raça que mais detesto! — gritou elle logo. Tinha-lhes quasi horror! Eram uns *parvemus* insupportaveis.

— E, com franqueza — asseverava elle, pondo a mão no punho do amigo — não lhe custaria muito estender a mão a um sapateiro limpo; mas repugnava-lhe apertar a mão d'esses *biltres*!

Levantaram-se, accenderam os charutos, e sahiram juntos. Alvaro ia á ourivesaria do Leitão comprar uma pulseira para Valentina.

— É verdade, — disse elle n'um parenthesis — agradeço o teu ramo d'hontem.

— Oh!...

Tinha ido com ella escolher uma prenda para a tia Dorothea; e Valentina agradára-se d'uma pulseira ingleza que lá viu.

— Não m'a pediu — accrescentou Alvaro — mas quero fazer-lhe a surpresa ao jantar.

— É mais galante! — disse o visconde — mais gentil!

(Continúa.)

Alberto Braga.

EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1874. — Janeiro 21. — Primeira representação do drama: *O Paralytico*, no theatro de D. Maria II.

Foi em beneficio do insigne actor Antonio Pedro. É admiravel o grande actor n'este drama, o principal florão da sua brilhantissima corõa artistica.

1838. — 22. — Representa-se pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, a opera *Lucia di Lammermoor* de Donizetti, libreto de Camerano. Foi desempenhada pela Mathey e Regoli, Coletti, Eckerlin, etc. Esta opera foi representada pela primeira vez em Napoles em 1835. É reputada a melhor peça musical de Donizetti.

1799. — 23. — Primeira representação em S. Carlos da opera burlesca: *A mulher de genio voluvel*, de Marcos de Portugal.

1841. — 24. — Representa-se no theatro da Rua dos Condes o drama original portuguez em 5 *O Captivo de Fez*, de Antonio Joaquim da Silva Abranches. Foi em beneficio de Carlota Talassi.

Por este drama modelou Almeida Garrett o seu *Frei Luiz de Sousa*.

1831. — 25. — Nasce em Lisboa o distinctissimo esculptor Victor Bastos, auctor de muitos primores da arte esculptural e estatuaría moderna, taes como a Estatua de Moysés, as do conde das Antas, de D. Pedro V (em Castello de Vide) a de Camões (em Lisboa, na praça do mesmo nome) a de José Estevão Coelho de Magalhães (no largo do palacio das Côrtes) e d'aquellas que ornão o arco triumphal da Rua Augusta: Viriato, Nuno Alvares Pereira, marquez de Pombal, Vasco da Gama, o Tejo e o Douro, todas da altura de cinco metros.

1766. — 26. — Nasce no Porto Francisco Justiano Saraiva, que depois tomou o nome religioso de D. Frei Francisco de S. Luiz, e foi cardeal patriarcha de Lisboa.

Foi sabio profundo como attestam as suas obras historicas, archeologicas e linguisticas.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Do prato á bocca se perde muitas vezes a sopa.

1800.—26.—Nascimento do eminente poeta portuguez Antonio Feliciano de Castilho, no andar nobre da casa, hoje n.º 13, da rua de S. Roque (então rua da Torre de S. Roque) esquina da travessa do Guarda-Mór.

A certidão assignala erradamente este acontecimento em 22 do referido mez, mas a propria familia do poeta affirma ter sido no dia 26.

1801.—26.—Primeira representação em S. Carlos da opera de Marcos de Portugal *L'Isola piacevole*.

1810.—27.—Morre o insigne pintor portuguez Pedro Alexandrino de Carvalho, director da academia de desenho, denominada do Nú.

Jaz sepultado na igreja de S. José. Havia nascido em 27 de novembro de 1729.

1693.—28.—Morre no Convento da Rosa, em Lisboa,—convento que então estava situado na rua das Farinhas, e foi em 1755 destruido pelo terremoto—soror Violante do Ceo, tendo a idade de 92 annos, pois que havia nascido em 30 de maio de 1601.

Professou n'aquelle mosteiro em 29 de agosto de 1630, da idade de 28 annos. É contada no numero das melhores poetisas portuguezas.

1800.—29.—Nasce João Luiz Cossoul, insigne maestro portuguez, e mestre que foi de Eugenio Sauvinet, Guilherme Cossoul, Adolpho Schroeter e outros.

1860.—30.—Fallecimento de Francisco Antonio Norberto dos Santos Pinto, musico da real camara, lente do conservatorio e mestre ensaiador do real theatro de S. Carlos de Lisboa. Foi discipulo de Manoel Joaquim Botelho, que lhe ensinou as regras da harmonia.

Santos Pinto havia nascido a 6 de junho de 1815.

1877.—31.—Fallecimento de Francisco Assis Rodrigues, artista distincto e esculptor de merito real. Foi director da Academia das Bellas Artes, em Lisboa.

Compôz um dictionario de bellas-artes e foi auctor da estatua que orna a fonte do passeio publico do Rocio (lado norte).

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

ELEMENTOS DE BALISTICA por Francisco da Fonseca Benevides lente da Escola Naval, segunda

correcto do desenho, não demonstravam nada e estampadas em um papel do mais ordinario. O sr. Benevides foi quem em 1863 principiou a dotar as escolas com livros de sciencia em portuguez, á imitação dos compendios estrangeiros, com o seu TRATADO DE PHYSICA em dois grossos volumes illustrados com

cerca de mil gravuras demonstrativas. A esta obra seguiram-se outras do mesmo senhor e de varios outros auctores, havendo já hoje differentes livros de sciencia, em portuguez, pelos quaes se estuda nas escolas, tendo desaparecido em grande parte as *cebentas* e succedendo-se as edições dos livros como acontece com os ELEMENTOS DE BALISTICA que tem já duas edições. Cabe, portanto, ao sr. Benevides a par do louvor pelos seus livros de sciencia e historia, em que tem sido um incansavel trabalhador, a gloria de ter iniciado em Portugal as edições de livros de sciencia para estudo nas escolas.

JORNAL DA INFANCIA, semanario illustrado, instructivo, recreativo e moral, collaborado pelos principaes escriptores e artistas. Matos Moreira & Cardoso, editores, Lisboa. Está publicado o n.º 1 a 3 d'este semanario que se dedica á infancia e que vem satisfazer a necessidade que havia de uma publicação d'este genero, publicações que no estrangeiro abundam em grande quantidade, especialmente na Inglaterra, Allemanha e Italia, isto é nos paizes em que mais se cuida da educação da infancia.

Entre nós é de esperar que o *Jornal da Infancia* tenha o maior acolhimento, tanto mais quanto é certo que, felizmente, as attentões comecam a dirigirem-se para a educação das creanças que é a base das sociedades civilisadas.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



CLAUSTRO DO CONVENTO CARMELITA DA VIDIGUEIRA (Segundo um desenho do natural por Luiz de Aragão)

edição illustrada com 117 figuras demonstrativas. Typ. da Academia Real das Sciencias 1882. Ha cerca de vinte annos os livros de sciencias porque se estudava nas escolas, em Portugal, eram todos em lingua franceza, e em portuguez só haviam as *classicas cebentas*, que eram umas folhas das lições, lytographadas em letra de mão com umas figuras demonstrativas que, pelo in-

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA DO «OCCIDENTE»

A COMEDIA BURGUEZA

I

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

COM UMA INTRODUÇÃO POR GERVASIO LOBATO

ILLUSTRADO COM 27 ESTAMPAS

Desenhos de MANUEL DE MACEDO—Gravuras de ALBERTO

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 pag. em magnifico papel assetinado com uma elegante capa de côr illustrada, brochura á ingleza.

Preço 600 réis

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, em todas as livrarias, e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa.—Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter 600 réis em estampilhas ou valles do correio.

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empreza do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou valles do correio.

Tambem se fazem encadernações com estas capas por 1\$200 réis.